26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

CERÂMICA QUILOMBOLA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

QUILOMBOLA CERAMICS*: MEMORY, IDENTITY, AND RESISTANCE*

Amália Tereza Lima da Guia – Instituto Federal do Maranhão /(IFMA)
Leyde Klebia Rodrigues da Silva – Universidade Federal do Cariri /(UFCA) / Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia /(ICI/UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A comunidade quilombola de Itamatatiua, localizada no município de Alcântara, no Maranhão, destaca-se pela preservação de práticas culturais tradicionais, entre as quais a produção artesanal de cerâmica. Desenvolvida por mulheres, essa atividade não se constitui apenas atividade econômica, mas também como um importante elemento de preservação da memória coletiva e de afirmação da identidade cultural quilombola. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo compreender de que forma a produção de cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua se configura como um elemento de preservação da memória coletiva e de afirmação da identidade cultural. A pesquisa possui abordagem qualitativa, utilizando como procedimentos metodológicos a observação participante e a realização de grupo focal com mulheres ceramistas do Centro de Produção de Cerâmica da comunidade. Durante a pesquisa, foi elaborado um catálogo da produção ceramista local, contendo o registro fotográfico e a descrição de peças produzidas pelas artesãs. Os resultados evidenciaram que o processo de produção da cerâmica envolve conhecimentos transmitidos intergeracionalmente, sobretudo no âmbito familiar, fortalecendo vínculos comunitários e garantindo a continuidade de práticas culturais ancestrais. As narrativas das artesãs revelaram ainda que o fazer cerâmico representa um importante mecanismo de preservação da memória social e de valorização da identidade quilombola. As considerações finais apontam que a cerâmica em Itamatatiua ultrapassa sua dimensão material, constituindo-se como um patrimônio cultural e um espaço de resistência, memória e identidade coletiva.
Palavras-chave: cerâmica; memória; identidade; mulheres quilombolas; Itamatatiua.

Abstract: The Quilombola community of Itamatatiua, located in the municipality of Alcântara, Maranhão, stands out for the preservation of traditional cultural practices, including the artisanal production of ceramics. Developed by women, this activity is not only an economic activity but also an important element in preserving collective memory and affirming Quilombola cultural identity. In this context, this study aims to understand how ceramic production in the Quilombola community of Itamatatiua is configured as an element of preserving collective memory and affirming cultural identity. The research has a qualitative approach, using participant observation and a focus group with women ceramicists from the community's Ceramic Production Center as methodological procedures. During this research, a catalog of local ceramic production was created, containing photographic records and descriptions of pieces produced by the artisans. The results showed that the ceramic production process involves knowledge transmitted intergenerationally, especially within the family, strengthening community ties and ensuring the continuity of ancestral cultural practices. The artisans' narratives also revealed that ceramic making represents an important mechanism for preserving social memory and valuing Quilombola identity. The final considerations indicate that ceramics in Itamatatiua transcend their material dimension, constituting a cultural heritage and a space of resistance, memory, and collective identity.
Keywords: ceramics; memory; identity; quilombola women; Itamatatiua.

1 INTRODUÇÃO

A história das comunidades quilombolas no Brasil está profundamente vinculada à resistência, à preservação cultural e à construção de identidades coletivas. Formados a partir da luta contra a escravidão, esses territórios constituem espaços de manutenção de saberes tradicionais, práticas culturais e modos de vida transmitidos entre gerações, elementos fundamentais para a afirmação da memória coletiva e da identidade dessas comunidades.

Nesse contexto, o artesanato destaca-se como uma importante manifestação cultural, pois expressa não apenas habilidades técnicas, mas também valores simbólicos, históricos e identitários. A produção artesanal, especialmente a cerâmica, ultrapassa sua dimensão econômica e se configura como espaço de sociabilidade, aprendizado e construção identitária, sendo tradicionalmente realizada por mulheres que transmitem esses conhecimentos no âmbito familiar.

Na comunidade quilombola de Itamatatiua (Alcântara/MA), a cerâmica artesanal representa um saber ancestral profundamente ligado à história local e ao sentimento de pertencimento. O fazer cerâmico, desde a coleta do barro até a queima das peças, articula tradição, memória e identidade coletiva, funcionando como mecanismo de preservação de saberes, fortalecimento dos vínculos comunitários e continuidade das práticas culturais quilombolas.

Partimos da hipótese de que a produção de cerâmica em Itamatatiua atua como mecanismo de transmissão de saberes tradicionais, contribuindo para a preservação da memória coletiva e o fortalecimento da identidade cultural quilombola, especialmente por meio da transmissão intergeracional dos conhecimentos entre as mulheres da comunidade.

Nesse sentido, considerando a centralidade da prática ceramista na vida social e cultural da comunidade de Itamatatiua, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: de que maneira a produção de cerâmica atua como mecanismo de transmissão de saberes tradicionais, preservação da memória coletiva e fortalecimento da identidade cultural quilombola?

Diante disso, o presente estudo tem como **objetivo geral** compreender de que forma a produção de cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua se configura como um elemento de preservação da memória coletiva e de afirmação da identidade cultural e como objetivos específicos: descrever o processo de produção da cerâmica artesanal; analisar a transmissão intergeracional dos saberes ceramistas e discutir a relação entre a produção de cerâmica, memória coletiva e identidade cultural quilombola.

Ao discutir a cerâmica como prática cultural e socialmente significativa, busca-se evidenciar o protagonismo das mulheres na preservação dos saberes tradicionais e na manutenção das práticas que sustentam a memória e a identidade da comunidade.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender os significados culturais, sociais e simbólicos associados à produção de cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua, localizada no município de Alcântara, no Estado do Maranhão. A investigação foi desenvolvida a partir de procedimentos metodológicos que articularam revisão bibliográfica, observação participante e grupo focal com artesãs do Centro de Produção de Cerâmica, permitindo a análise das narrativas e experiências das mulheres ceramistas da comunidade.

A pesquisa foi realizada por meio de encontros na comunidade quilombola de Itamatatiua, possibilitando o contato direto com as artesãs que atuam na produção ceramista. João Amado e Luciana Silva (2014, p. 153) destacam que “[...] a observação participante tem como princípio a necessidade de o pesquisador manter sempre algum grau de interação com

a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado". Esta técnica favoreceu a interação entre pesquisadora e participantes, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do contexto social investigado.

Para a coleta e organização dos dados referentes às experiências das mulheres artesãs foi utilizada a técnica de grupo focal. Segundo Bernardete Gatti (2005), o grupo focal tem como objetivo captar entre os participantes percepções, sentimentos, ideias e diferentes pontos de vista a partir da interação coletiva.

O encontro foi realizado no Centro de Produção de Cerâmica de Itamatatiua, espaço coletivo onde as mulheres desenvolvem as atividades relacionadas à produção e comercialização das peças. Participaram do grupo focal seis artesãs reconhecidas pela comunidade por sua atuação na produção cerâmica e pela transmissão dos saberes tradicionais ligados ao trabalho com o barro. A atividade teve duração aproximada de uma hora e trinta minutos e contou com a presença de uma moderadora, responsável por conduzir o diálogo, e uma observadora, encarregada de registrar as interações e expressões das participantes.

Durante o encontro foi utilizado um roteiro de perguntas semiestruturadas que orientou a discussão, permitindo que as participantes compartilhassem suas memórias, experiências e percepções sobre a produção da cerâmica, sua aprendizagem ao longo da vida e a importância dessa prática para a identidade da comunidade. As conversas foram registradas por meio de gravações em áudio e vídeo, além de anotações realizadas durante a atividade, garantindo a fidelidade das informações coletadas.

Paralelamente à realização do grupo focal, foi desenvolvido o produto técnico da pesquisa, que consistiu-se na elaboração de um catálogo[1] da produção de cerâmica das mulheres artesãs de Itamatatiua, como se observa nas figuras a seguir:

[1] Catálogo da produção de cerâmica das mulheres artesãs da comunidade quilombola de Itamatatiua em Alcântara – Maranhão, disponível em: https://drive.google.com/file/d/13n3BIOyeJdhiIo_f8v93noIN8bPKdiEx/view?usp=sharing

Figura 1 - Capa do catálogo



Fonte: dados da pesquisa (2025).

Figura 2 - Descrição da peça de cerâmica



Denominação / Título da obra	Moringa
Autoria / Produtora	Lucileide Jesus
Altura (cm)	25cm
Largura (cm)	15cm
Peso	1,122kg
Material	Argila
Técnica de Modelagem	Acordelada
Estado de Conseruação	Bom/sem rachaduras
Queima	Forno à lenha
Data de Produção	2025
Valor (R$)	35,00
Localização / Onde encontrar	Centro de Produção de Cerâmica

Fonte: dados da pesquisa (2025).

Para a composição do catálogo foram selecionadas 25 peças de cerâmica entre utensílios domésticos e objetos decorativos, como panelas, jarras, travessas, xícaras, vasos e esculturas. Cada peça foi registrada e descrita a partir de informações como denominação, autoria, dimensões, material utilizado, técnica de modelagem, tipo de queima e valor comercial.

Assim, a elaboração do catálogo constituiu não apenas um instrumento de registro e divulgação da produção ceramista da comunidade, mas também uma estratégia de valorização dos saberes tradicionais das mulheres quilombolas de Itamatatiua, contribuindo para o reconhecimento da cerâmica como patrimônio cultural e como elemento de identidade coletiva. O catálogo também traz as minibiografias das artesãs que participaram desta pesquisa, constituindo-se como um dispositivo de memória e registro informacional.

Sob a perspectiva da Biblioteconomia e da Ciência da Informação o fazer cerâmico de Itamatatiua deixa de ser apenas uma atividade produtiva para ser compreendido como um fluxo de informação ancestral. Historicamente, esse conhecimento foi transmitido exclusivamente por meio da oralidade e da observação direta, métodos fundamentais, porém vulneráveis às ações do tempo e ao risco de interrupção geracional.

Nesse cenário, o presente catálogo constitui-se como suporte documental que opera a conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito, registrado e passível de recuperação. Ao documentar as técnicas e os significados atribuídos ao barro, o catálogo atua como um instrumento de mediação da informação, permitindo que o patrimônio imaterial da comunidade seja preservado.

3 A CERÂMICA COMO SÍMBOLO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE EM ITAMATATIUA

A formação dos quilombos no Brasil está historicamente vinculada aos processos de resistência da população negra ao sistema escravista, constituindo-se como espaços de autonomia, organização social e preservação cultural. Mais do que refúgios, essas comunidades desenvolveram formas próprias de vida, nas quais práticas culturais, saberes tradicionais e relações de pertencimento foram fundamentais para a continuidade de suas identidades ao longo do tempo (Moura, 1981).

Para intelectuais como Nêgo Bispo (Santos, 2015) o quilombo é o símbolo maior da luta pela terra comunitária e pela liberdade em toda a Diáspora Africana nas Américas. Ele surge da rebelião imediata dos povos africanos contra a violência da escravidão, como forma de resistência ao sistema escravista implantado no Brasil com a colonização da América e a constituição do sistema do período moderno-colonial. Ao adentrarem as matas, essas populações reconstituíram seus modos de vida “contra-colonizadores”, ações e processos de resistência à colonização, frequentemente estabelecendo alianças e comunidades em parceria com os povos nativos (indígenas) (Santos, 2015).

No contexto contemporâneo, observa-se que a violência exercida outrora pelos impérios coloniais e ditaduras continua ativa, pois o discurso hegemônico ainda rotula as comunidades tradicionais como "povos atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social e econômica e cultural dos colonizadores" (Santos, 2015, p. 76).

Nêgo Bispo (Santos, 2015) aponta que uma das principais estratégias de dominação do colonizador (e do grande capital) é destruir fisicamente as comunidades para apagar seu histórico e aniquilar a memória de seus fatos. No entanto, a memória destas comunidades possui formas de transmissão que o opressor não consegue queimar, pois mesmo quando o colonizador destrói os corpos, as casas e a escrita das comunidades, ele falha em extinguir a essência de sua trajetória: a oralidade e a ancestralidade funcionam como as guardiãs dessa herança (Santos, 2015).

Compreendemos assim, que ao serem reconhecidas como grupos étnico-raciais que mantêm vínculos históricos e ancestrais com seus territórios, se articulam dimensões materiais e simbólicas responsáveis pela construção da identidade coletiva. Nesse sentido, a identidade cultural deve ser compreendida como um processo dinâmico, construído

socialmente a partir das experiências compartilhadas, uma vez que “[...] as identidades culturais não são fixas, mas estão sempre em processo de transformação” (Hall, 2006, p. 38).

A memória coletiva, por sua vez, constitui elemento central nesse processo. Segundo Maurice Halbwachs (2006) é na sociedade que o indivíduo adquire, evoca, reconhece e localiza suas lembranças, evidenciando o caráter social da memória. Assim, nas comunidades quilombolas, ela se manifesta em diferentes expressões culturais, como narrativas orais, festas, religiosidade e práticas produtivas tradicionais.

Como destaca Michel Pollak (1992, p. 204), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva”, o que reforça sua importância na organização das experiências sociais. Desse modo, a memória não corresponde apenas a um registro do passado, mas a um processo contínuo de reconstrução, orientado pelas necessidades do presente.

De forma complementar, Paul Ricoeur (2007) destaca que a memória está diretamente relacionada à construção de narrativas que conferem sentido às experiências vividas, permitindo que indivíduos e grupos organizem suas histórias e reafirmem suas identidades ao longo do tempo.

É nesse contexto que se insere a comunidade quilombola de Itamatatiua, localizada em Alcântara, no norte do Estado do Maranhão. A entrada da comunidade (figura 3) materializa elementos centrais de sua identidade cultural, evidenciados pela presença do pote de cerâmica e da imagem de Santa Tereza Dávila, padroeira local. Esses símbolos expressam, de forma visual, a articulação entre tradição ceramista, religiosidade e memória coletiva, constituindo representações do pertencimento e da herança cultural quilombola.

Figura 3 - Entrada de Itamatatiua



Fonte: dados da pesquisa (2025).

Além das manifestações religiosas, práticas culturais como o tambor de crioula, o forró de caixa e a dança do negro evidenciam a permanência de elementos da ancestralidade afro-brasileira, funcionando como importantes mecanismos de atualização da memória coletiva. No entanto, é na produção artesanal de cerâmica que se encontra uma das expressões mais significativas da identidade cultural de Itamatatiua.

A cerâmica ocupa lugar central na vida social, cultural e econômica da comunidade, sendo uma atividade tradicional desenvolvida majoritariamente por mulheres. Mais do que uma prática produtiva, o fazer cerâmico constitui um espaço de transmissão de saberes, construção de vínculos comunitários e preservação da memória coletiva. Trata-se de um conhecimento ancestral, transmitido entre gerações principalmente no ambiente familiar, por meio da observação, da prática e da convivência cotidiana.

A produção ceramista passou por transformações, saindo de uma antiga estrutura de olaria para um modelo doméstico e, posteriormente, coletivo, com a criação do Centro de Produção de Cerâmica. Esse espaço consolidou-se como local de organização do trabalho, troca de conhecimentos e valorização da produção local, reunindo artesãs em torno de práticas que articulam tradição e subsistência.

O processo produtivo envolve diversas etapas desde a coleta do barro, preparação da matéria-prima, modelagem, secagem e queima em forno à lenha, cada uma exigindo conhecimentos acumulados ao longo do tempo. Técnicas como a acordelada demonstram a sofisticação desse saber tradicional, que não se limita à dimensão técnica, mas incorpora experiências, memórias e relações com o território.

Nesse sentido, a cerâmica pode ser compreendida como um elemento da memória coletiva, permitindo sua continuidade e sendo constantemente atualizada nas práticas do cotidiano. No caso de Itamatatiua, o fazer cerâmico constitui um desses referenciais, por meio do qual as artesãs reinterpretam suas experiências e reafirmam sua pertença à comunidade.

As técnicas de modelagem, os formatos das peças e os modos de produção carregam marcas da história da comunidade, funcionando como registros simbólicos das experiências vividas pelas gerações anteriores. Ao reproduzir essas práticas, as artesãs não apenas preservam conhecimentos tradicionais, mas também atualizam e ressignificam a memória coletiva, reafirmando sua identidade quilombola.

O protagonismo das mulheres nesse processo evidencia seu papel central como guardiãs da memória e da cultura local. São elas que concentram o domínio das técnicas e garantem a continuidade da tradição, transformando o trabalho com o barro em um espaço de resistência cultural. Ao moldarem a argila, essas mulheres também moldam narrativas, histórias e identidades, assegurando a permanência de saberes ancestrais no presente.

A centralidade das mulheres no fazer cerâmico em Itamatatiua também evidencia a importância de compreender essa prática a partir das relações de gênero, raça e pertencimento quilombola. Como mulheres negras quilombolas, as artesãs ocupam um lugar de protagonismo na produção e transmissão de saberes ancestrais, rompendo com processos históricos de invisibilização que marcaram a trajetória das mulheres negras na sociedade brasileira. Essa reflexão dialoga com as discussões de Mariléa de Almeida (2022) sobre a feminização dos quilombos. A autora propõe uma compreensão dos territórios quilombolas que reconhece a centralidade das mulheres nas práticas de cuidado, na transmissão dos saberes, na relação com a terra e na organização coletiva da vida comunitária. Essa perspectiva permite compreender que as práticas tradicionalmente associadas às mulheres não devem ser interpretadas como secundárias ou restritas ao espaço doméstico, mas como formas de construção política, cultural e social.

Assim, a produção de cerâmica em Itamatatiua ultrapassa sua dimensão utilitária e econômica, configurando-se como uma prática cultural profundamente enraizada na memória coletiva e na identidade da comunidade. Ao articular tradição, pertencimento e continuidade, o fazer cerâmico constitui um importante mecanismo de resistência e afirmação da identidade quilombola, garantindo que as experiências do passado permaneçam vivas e significativas no presente.

Figura 4 - Centro de produção de cerâmica de Itamatatiua



Fonte: dados da pesquisa (2025).

O Centro de Produção de Cerâmica tornou-se um importante ponto de encontro das artesãs, possibilitando a organização coletiva do trabalho e a valorização da produção local. Nesse espaço são produzidas diversas peças, entre utensílios domésticos e objetos decorativos, como panelas, potes, travessas, vasos, tigelas e esculturas que representam elementos do cotidiano e da cultura local.

4 MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE: NARRATIVAS DAS ARTESÃS SOBRE O FAZER CERÂMICO EM ITAMATATIUA

As narrativas das mulheres artesãs da comunidade quilombola de Itamatatiua evidencia que o fazer cerâmico ultrapassa a dimensão do trabalho artesanal ou da geração de renda. As falas das ceramistas[2] revelam que a cerâmica constitui um espaço de preservação da memória coletiva, de transmissão intergeracional de saberes e de afirmação da identidade quilombola. Nesse contexto, moldar o barro significa também moldar histórias, preservar experiências e fortalecer vínculos comunitários.

Os relatos demonstram que o conhecimento sobre a cerâmica é transmitido principalmente por meio da convivência familiar e da prática cotidiana, evidenciando a centralidade da memória social na continuidade desse saber tradicional.

As memórias relacionadas ao aprendizado da cerâmica revelam que o processo de transmissão desse saber ocorre, majoritariamente, no interior das famílias, especialmente entre mães, avós e filhas. Trata-se de um conhecimento que se constrói na prática cotidiana, no convívio e na observação das gerações mais experientes.

As participantes desta pesquisa são mulheres negras quilombolas e ceramistas da comunidade de Itamatatiua, reconhecidas por sua atuação na preservação dos saberes tradicionais. Entre elas estão: Eloísa de Jesus, Domingas de Jesus, Ângela de Jesus, Maria da Paz de Jesus e Kari Rose de Jesus, cujas trajetórias evidenciam a transmissão intergeracional da cerâmica, a memória coletiva e o protagonismo na comunidade.

A trajetória da artesã Eloísa de Jesus reforça esse processo de transmissão: “Começei a fazer a cerâmica com 12 anos, aprendendo com minha mãe e observando o trabalho das artesãs mais experientes” (Eloísa de Jesus, 2025, comunicação verbal).

[2] As ceramistas participantes desta pesquisa assinaram termo de consentimento autorizando a divulgação de seus nomes para fins acadêmicos e científicos.

De maneira semelhante, Domingas de Jesus (2025, comunicação verbal) também relata que seu aprendizado ocorreu no ambiente familiar ao afirmar que: “Aprendi moldar o barro minha mãe aos 10 anos de idade e até hoje estou aqui”.

Essas narrativas demonstram que o aprendizado da cerâmica ocorre dentro de um contexto coletivo, no qual a observação e a convivência com outras artesãs constituem elementos fundamentais para a transmissão dos saberes tradicionais. Nesse sentido, o trabalho com o barro torna-se um espaço privilegiado de compartilhamento de experiências e de construção de memórias coletivas. Em Itamatatiua, as histórias relacionadas à produção da cerâmica, ao aprendizado do ofício e às experiências vividas no cotidiano da comunidade constituem referências importantes para a construção da identidade das artesãs.

Essas narrativas também confirmam a perspectiva de Maurice Halbwachs (2006), para quem a memória não é um fenômeno exclusivamente individual, mas socialmente construída. Segundo o autor, as lembranças são organizadas e compartilhadas dentro de grupos sociais que orientam aquilo que é lembrado e transmitido. Assim, as memórias sobre o aprendizado da cerâmica em Itamatatiua são estruturadas a partir do pertencimento familiar e comunitário, que funciona como suporte para a preservação desse saber tradicional.

Nesse sentido, o aprendizado da cerâmica não se limita à aquisição de uma técnica, mas envolve também a internalização de valores, experiências e práticas culturais que definem a identidade da comunidade.

As artesãs também revelaram em seus relatos, que a produção da cerâmica é compreendida como uma prática ancestral profundamente vinculada à história da comunidade quilombola. Embora não exista um registro documental preciso sobre a origem dessa tradição, as ceramistas associam sua continuidade a um passado histórico marcado pela escravidão e por influências culturais indígenas e africanas. Essa percepção aparece no relato de Eloísa de Jesus (2025, comunicação verbal) quando ela afirma que:

> Não sei como começou essa cerâmica aqui. Eu não acho que ninguém sabe. A gente só sabe que é de muito tempo, desde a escravidão, desde esse tempo. Já tem mais de duzentos anos essa cultura, que a gente sabe. A gente só sabe que ela veio da cultura dos índios.

A fala evidencia que a memória sobre a origem da cerâmica não se apoia em registros históricos formais, mas em narrativas transmitidas oralmente entre as gerações. Esse fenômeno dialoga com a reflexão de Jacques Le Goff (2003), que compreende a memória

como um elemento fundamental para a construção da história social, sendo frequentemente preservada por meio da tradição oral e das práticas culturais.

Assim, a cerâmica de Itamatatiua pode ser compreendida como um patrimônio cultural que materializa a memória histórica da comunidade. Cada peça produzida carrega marcas de um saber ancestral que atravessa gerações e que se mantém vivo por meio da prática cotidiana das artesãs, adquirindo significado profundo para a comunidade, articulando dimensões culturais, econômicas e simbólicas. O trabalho com o barro não representa apenas uma atividade produtiva, mas também um elemento de reconhecimento coletivo e de afirmação identitária.

Essa importância é destacada por Ângela de Jesus (2025, comunicação verbal) quando afirma que "a importância da cerâmica pra comunidade é muito grande. As pessoas dão um grande valor, através desse trabalho aqui a gente já conseguiu várias coisas pra cá".

Além de sua relevância econômica, a cerâmica também projeta o nome da comunidade de Itamatatiua para além de seu território, fortalecendo o sentimento de orgulho e pertencimento.

A artesã Maria da Paz de Jesus (2025, comunicação verbal) enfatiza esse reconhecimento quando nos diz que:

> É uma honra saber que Itamatatiua é famosa é reconhecida pela produção de cerâmica, através desse trabalho já tive oportunidade de viajar de avião, conhecer outros lugares, participei de uma oficina em Recife. Foi muito gratificante representar minha comunidade, mostrando o que a gente produz. É muito bom quando a gente sai para representar a comunidade, a gente tem reconhecimento.

Essas experiências demonstram como a cerâmica funciona como um elemento de visibilidade cultural e de valorização da identidade quilombola. Nesse sentido, a reflexão de Stuart Hall (2006) contribui para compreender esse processo. Para o autor, as identidades culturais são construídas historicamente e se transformam continuamente por meio das experiências e das narrativas compartilhadas pelos grupos sociais. Assim, a cerâmica em Itamatatiua atua como um marcador identitário que reforça o sentimento de pertencimento coletivo e a continuidade das tradições culturais.

Apesar de sua importância cultural, as artesãs também revelam preocupações relacionadas à continuidade da tradição cerâmica na comunidade. Um dos principais desafios apontados é o desinteresse de parte dos jovens em aprender o ofício.

Kari Rose de Jesus (2025, comunicação verbal) expressa essa preocupação afirmando que:

> Os jovens da comunidade têm pouco interesse em aprender a produção de cerâmica. Isso se dá, em parte, aos auxílios e benefícios que muitos recebem atualmente, que é uma ajuda importante, que contribuem para o sustento das famílias, mas que acabam diminuindo o incentivo dos jovens a buscar o trabalho artesanal como fonte de renda. Esse desinteresse pode comprometer a continuidade de uma tradição tão valiosa para Itamatatiua.

A fala de Kari Rose, evidencia um dos desafios fundamentais para a preservação da cerâmica em Itamatatiua, que é a continuidade de um saber ancestral sem desconsiderar as transformações, expectativas e projetos de vida das novas gerações. A transmissão desse conhecimento depende não apenas da vontade dos jovens em aprender, mas também do reconhecimento social e econômico das artesãs, da valorização do trabalho artesanal e da criação de condições que permitam que esse patrimônio cultural continue vivo, sendo constantemente ressignificado pelas diferentes gerações da comunidade. Os auxílios governamentais podem representar importantes instrumentos de proteção social para famílias em situação de vulnerabilidade, garantindo condições mínimas de sobrevivência e não devendo ser compreendidos, necessariamente, como responsáveis pelo abandono das práticas tradicionais. Nesse sentido, a fala da artesã expressa, sobretudo, uma preocupação com a continuidade de um conhecimento ancestral e com as mudanças nas formas pelas quais as novas gerações se relacionam com o trabalho e com a tradição.

A dificuldade em envolver novas gerações no processo de aprendizagem também é mencionada por Domingas de Jesus (2025, comunicação verbal): “É difícil vim algum jovem aqui. Às vezes a gente convida, elas não querem. Às vezes chega uma ou duas vem dois dias depois somem”.

Essas narrativas evidenciam um risco para a continuidade da transmissão desse saber ancestral. Nesse contexto, as reflexões de Michael Pollak (1989) ajudam a compreender esse processo. O autor destaca que a memória social depende da permanência dos grupos que a sustentam e da continuidade dos mecanismos de transmissão entre gerações. Quando esses processos são interrompidos, determinadas práticas culturais podem entrar em processo de esquecimento.

Além disso, as artesãs também mencionam dificuldades relacionadas à visibilidade e à comercialização da produção cerâmica. Entre os desafios apontados está a ausência de

sinalização que identifique a comunidade e sua produção artesanal, como destaca Eloísa de Jesus (2025, comunicação verbal): “Seria importante a participação maior em feira de artesanato, também ter um ponto de venda na beira da estrada ou uma placa que mostrasse a cerâmica, tem gente que passa aqui na beira da estrada mais não sabe o que significa o pote”.

Essas dificuldades revelam que a preservação da cerâmica em Itamatatiua depende não apenas da transmissão cultural, mas também de políticas de valorização e apoio às práticas artesanais.

Assim, a partir destes relatos, é possível compreender a cerâmica de Itamatatiua como um verdadeiro lugar de memória, conceito desenvolvido por Pierre Nora (1993) para designar espaços, objetos ou práticas que preservam e simbolizam a memória coletiva de um grupo social.

Nesse sentido, o barro, as técnicas de modelagem e o Centro de Produção de Cerâmica podem ser interpretados como espaços de preservação da memória coletiva. Cada peça produzida materializa experiências, saberes e histórias transmitidas ao longo de gerações, onde o fazer cerâmico torna-se uma forma de resistência cultural, na qual as mulheres artesãs atuam como guardiãs de um patrimônio imaterial que mantém viva a memória do quilombo.

Em Itamatatiua, a cerâmica constitui um elemento central na construção da memória coletiva e da identidade cultural da comunidade. Ao moldar o barro, essas mulheres preservam saberes ancestrais, reafirmam vínculos comunitários e garantem a continuidade de uma tradição que atravessa gerações. Dessa forma, o fazer cerâmico não pode ser compreendido apenas como uma atividade artesanal, mas como uma prática cultural profundamente enraizada na história e na memória do quilombo. As mãos que moldam o barro são também as mãos que preservam a história, reafirmam a identidade e mantêm viva a resistência cultural na comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou como a produção tradicional de cerâmica na comunidade quilombola de Itamatatiua (Alcântara/MA) atua na transmissão de saberes, na preservação da memória coletiva e no fortalecimento da identidade cultural. A partir de uma abordagem qualitativa, com grupo focal, observação participante e elaboração de catálogo, evidenciou-

se o significado social, cultural e simbólico atribuído ao fazer cerâmico pelas próprias mulheres artesãs .

Os resultados mostraram que a cerâmica ultrapassa sua dimensão material e econômica, configurando-se como prática cultural enraizada na história local. Seu processo produtivo, transmitido intergeracionalmente, ocorre sobretudo no âmbito familiar, com destaque para o papel de mães e avós na continuidade dos saberes. Nesse contexto, o protagonismo das mulheres revela sua centralidade na preservação da tradição e no fortalecimento dos vínculos comunitários .

As narrativas das ceramistas mostram que o saber-fazer está diretamente ligado às memórias de convivência e experiências cotidianas, constituindo a cerâmica como elemento fundamental da memória coletiva. Além disso, a atividade atua como marcador identitário, contribuindo para a valorização do território e para a visibilidade cultural da comunidade em diferentes espaços sociais .

Apesar de sua relevância, a continuidade dessa tradição enfrenta desafios, como o desinteresse das novas gerações, a baixa visibilidade e a necessidade de maior apoio institucional. O catálogo produzido pela pesquisa emerge como instrumento de registro e preservação da memória, transformando saberes orais em suporte documental. Assim, a cerâmica de Itamatatiua se afirma como espaço de resistência cultural, cuja preservação depende de políticas públicas e ações de valorização do patrimônio quilombola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilomba**: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante, 2022.

AMADO, João; SILVA, Luciana Campos da. Os estudos etnográficos em contextos educativos. In: AMADO, João (org.). **Manual de investigação qualitativa em educação**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. cap. 2, p. 145-168. Disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2. Acesso em: 3 set. 2026.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005. 80 p. (Série Pesquisa, 10).

GUIA, Amália Tereza Lima da. **As mãos negras que dão vida ao barro**: catálogo da produção de cerâmica das mulheres artesãs da comunidade quilombola de Itamatatiua em Alcântara – Maranhão. Alcântara, MA: [s. n.], 2026. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/13n3BIOyeJdhiIo_f8v93noIN8bPKdiEx/view?usp=sharing. Acesso em: 3 set. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Disponível em: https://loja.editoraunicamp.com.br/produto/288/blog. Acesso em: 3 set. 2026.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Tudo é História).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 3 set. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941. Acesso em: 3 set. 2026.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em: https://loja.editoraunicamp.com.br/produto/508/blog. Acesso em: 3 set. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília, DF: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015. Disponível em: https://repi.ufsc.br/sites/default/files/BISPO-Antonio-Colonizacao_Quilombos_Modos_e_Significados.pdf. Acesso em: 3 set. 2026.